

Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião

anais.est.edu.br/genero

ECOLOGIA | ECONOMIA | ECUMENISMO

ECOLOGIA | ECONOMIA | ECUMENISMO



O SER PROFESSORA/R NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE GÊNERO

Being a teacher in the construction of meanings about gender

Cátia Simone Ribeiro Barcellos

Luciano Pereira dos Santos

Rita de Araujo Neves

Resumo

O presente trabalho trata sobre o ser professora/r nas práticas escolares cotidianas e em como essas interferem na construção de sentidos sobre a identidade de gênero de estudantes. Acreditamos ser fundamental a discussão das múltiplas identidades que estudantes assumem dentro da escola, nos diferentes espaços que ocupam, para que possamos debater sobre os processos de discriminação pelos quais passam em relação às identidades de gênero, culturais, étnicas e tantas outras. O referencial teórico adotado tem base nos Estudos Culturais, nos Estudos Feministas e nos Estudos sobre Currículo. Discutimos questões como: quais elementos favorecem mudanças nas práticas escolares no sentido de valorizar não apenas a cultura hegemônica do patriarcado? Como promover transformações no trabalho docente de modo a contribuir para o sucesso escolar das/os estudantes? A investigação nos levou a pensar sobre a construção de uma escola mais humana que trabalhe mais com os sonhos e menos com as frustrações.

Palavras-chave: Ser Professor/a. Construção de Sentidos. Identidade de Gênero.

Abstract

The present work deals with being a teacher in everyday school practices and how they interfere in the construction of meanings about the gender identity of students. We believe that it is fundamental to discuss the multiple identities that students assume within the school, in the different spaces they occupy, so that we can discuss the processes of discrimination they pass in relation to gender, cultural, ethnic and other identities. The theoretical framework adopted is based on Cultural Studies, Feminist Studies and Curriculum Studies. We discuss such questions as: what elements favor changes in school practices in order to value not only the hegemonic culture of patriarchy? How to promote transformations in teaching work in order to contribute to the success of students? Research has led us to think about building a more humane school that works more with dreams and less with frustrations.

Keywords: Being a teacher. Construction of senses. Gender identity.

Considerações Iniciais

O presente artigo trata sobre o ser professora/r nas práticas escolares cotidianas e em como essas interferem na construção de sentidos sobre a identidade de gênero de estudantes. Trataremos neste texto sobre a identidade de gênero, mas sabemos que a escola é uma instituição produtora de muitas identidades, sejam elas de gênero, sexuais, étnicas, culturais, infantis, juvenis, dentre outras.

A escola, além de produzir identidades, gera também diferenças e desigualdades de acordo com a sua concepção, organização e no seu fazer cotidiano. Por isso, acreditamos ser fundamental essa discussão.

O referencial teórico adotado tem base nos Estudos Culturais, nos Estudos Feministas e nos Estudos sobre Currículo. Autoras/es como Stuart Hall¹, Guacira Lopes Louro² e Tomaz Tadeu da Silva³ nos ajudam a discutir as seguintes questões: quais elementos favorecem mudanças nas práticas escolares no sentido de valorizar não apenas a cultura hegemônica do patriarcado? Como promover transformações no trabalho pedagógico de modo a contribuir para o sucesso escolar de estudantes independentemente da condição étnica, da classe social, do gênero, entre outras?

Trata-se, portanto, de um estudo teórico de caráter qualitativo, descritivo, a partir das nossas experiências e diálogos enquanto professoras/r, pesquisadoras/r no Programa de Pós-Graduação em Educação/Doutorado, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas e através da pesquisa bibliográfica do referencial teórico eleito para sustentá-lo.

A investigação nos levou a pensar sobre a construção de uma escola mais humana, que intensifique o trabalho com os sonhos dos discentes ao invés de focar as frustrações das pessoas envolvidas. Apresentaremos uma abordagem em que discutiremos sobre o ser professora/r e as práticas escolares, trataremos da construção dos sentidos sobre a identidade de gênero e, por fim, apresentaremos algumas considerações que avaliamos serem importantes.

¹ HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Thomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 103-133.

² LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 16 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

³ SILVA, Tomaz T. Currículo e Identidade Social: Territórios Contestados. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

O ser professora/r e as práticas escolares

Ser professora/r hoje no Brasil está sendo algo cada vez mais difícil. Em um momento no qual a atual conjuntura política fala sobre “Escolas Sem Partido”, em meio a protestos e debates sobre um presidente da república ilegítimo, quando vivemos um sucateamento da educação sem precedentes, não é fácil pensar e discutir práticas escolares cotidianas, embora seja fundamental.

Nossa convicção é a de que ser professora/r neste país é lutar cada dia por melhores condições de trabalho no que tange à falta de estrutura nas escolas, à desvalorização das/os trabalhadoras/es, à violência, enfim, contra a precarização e o sucateamento da educação que estamos vivendo. É pensar sobre qual projeto de sociedade perseguimos? Quais os interesses que defendemos? Que tipo de estudantes queremos formar e para quê?

Precisamos conhecer as/os estudantes, o entorno da escola, as comunidades, sermos mediadoras/es entre a realidade vivida fora da escola e os conhecimentos sistematizados e construídos em cada área de conhecimento. Reconhecer o quanto as/os estudantes têm a contribuir nos processos de ensino e aprendizagem, além de tornar a escola um lugar mais prazeroso para que juntos transformemos a realidade atual.

A escola precisa ser um espaço de encontros, de alegrias, para além do lugar onde se constroem aprendizagens e se produz conhecimento, pois as pessoas que lá trabalham e estudam, ficam a maior parte do tempo das suas vidas nesse ambiente. Por isso, enquanto trabalhadoras/es da educação, precisamos revitalizar esse espaço para que ele não acabe nos sufocando.

Precisamos ainda pensar, como bem argumentam as/os estudiosas/os Ana Maria Salgueiro Caldeira⁴, Moacir Gadotti⁵ e Miguel Arroyo⁶, sobre as questões que nos são impostas a todo o momento pelos governos; pelas famílias; pela sociedade como um todo e que envolvem o nosso planejamento e as práticas escolares às quais submetemos as alunas e os alunos. Além disso, refletir sobre o nosso fazer pedagógico e sobre a luta por uma educação com mais recursos humanos; por melhores remunerações e sobre como

⁴ CALDEIRA, Anna Maria S. A formação de professores de Educação Física: quais saberes e quais habilidades. In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Vol. 22, no. 03, mai./2001.

⁵ GADOTTI, M. *Perspectivas atuais da educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

⁶ ARROYO, M. *Ofício de Mestre: imagens e autoimagens*. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

construímo-nos docentes. Torna-se ainda necessário, urgentemente, humanizar as nossas relações, humanizar as nossas vidas e as vidas dentro das escolas.

Quando falamos sobre *práticas escolares*, neste trabalho, estamos pensando em todas as experiências cognitivas e afetivas vivenciadas no decorrer da formação das alunas e dos alunos – percebendo esse conjunto de experiências como práticas e discursos que produzem significados/sentidos em torno do social, do cultural, do político e que estão imbricadas no processo da construção de múltiplas identidades, a partir das/os autoras/es⁷ já referidas/os.

Discutimos sobre o ser professora/r nas práticas escolares cotidianas e em como essas interferem na construção de sentidos sobre a identidade de gênero de estudantes, baseadas em questões como: quais elementos favorecem mudanças nas práticas escolares no sentido de valorizar não apenas a cultura hegemônica do patriarcado? Como promover transformações no trabalho docente de modo a contribuir para o sucesso escolar das/os estudantes?

Para isso, primeiramente, é preciso admitir que somos carregadas/os de preconceitos, que vivemos em uma sociedade racista, machista, homofóbica e que através das nossas atitudes, daquilo que é dito e mesmo dos silenciamentos, o tempo todo estamos formando sujeitos dentro das escolas.

A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o ‘lugar’ dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. Através de seus quadros, crucifixos, santas ou esculturas, aponta aqueles/as que deverão ser modelos e permite, também, que os sujeitos se reconheçam (ou não) nesses modelos. O prédio escolar informa a todos/as sua razão de existir. Suas marcas, seus símbolos, seus arranjos arquitetônicos “fazem sentido”, instituem múltiplos sentidos, constituem distintos sujeitos⁸.

Os ambientes escolares, por meio de suas práticas, de seus currículos e das experiências que proporcionam, são espaços que produzem e consolidam significados, são ambientes que concretizam políticas de identidades. Através de suas representações, o currículo produz identidades⁹. Estas, por sua vez, são constituídas de acordo com diferentes mecanismos e processos, como os vários discursos construídos social, cultural e historicamente e por meio de múltiplos artefatos culturais, sociais e políticos, sendo o

⁷ HALL, 2005; LOURO, 2014; SILVA, 1995.

⁸ LOURO, 2014, p. 62.

⁹ SILVA, 1995.

currículo um dos mais importantes – já que todos nós, na medida em que passamos pelo processo de escolarização em qualquer nível, somos submetidas/os a ele.

Logo, o currículo é uma questão de poder, um sistema de significação, é disputado e construído. O currículo produz e reproduz significados/sentidos em torno das identidades, ele produz identidades, ele nos produz¹⁰.

Diante do todo exposto é necessário mencionar que não será possível, neste espaço, embora reconheçamos ser importante também para o texto, uma discussão mais aprofundada sobre currículo. Contudo, para cumprirmos com os objetivos deste artigo, trataremos a seguir sobre as questões relativas à construção de identidades e, mais especificamente, sobre identidade de gênero.

A construção de sentidos sobre identidade de gênero

Necessário se faz enfatizar sobre acreditarmos ser de fundamental importância a discussão das múltiplas identidades que estudantes assumem dentro da escola e nos diferentes espaços que ocupam, para que possamos debater sobre os processos de discriminação pelos quais passam em relação às identidades de gênero, culturais, étnicas e tantas outras.

Trabalhamos com identidade de gênero como sendo uma das identidades que constituem os sujeitos social e historicamente, como masculinos ou femininos, diferentemente da identidade sexual expressada na forma como as pessoas vivem sua sexualidade, com parceiras/os do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou sem parceiras/os¹¹.

A identidade é uma construção social e cultural e, portanto, não é uma essência fixa, estável, coerente e acabada¹². A identidade é resultado de múltiplos aspectos como, por exemplo, a classe social do indivíduo, sua cultura de origem e trajetória escolar, os modelos de identificação aos quais foi exposto, as experiências vivenciadas, etc. Ela é um construto relacional e constituído por meio de discursos que engendram relações de poder. Na medida em que nos relacionamos, construímos nossas identidades étnicas, de gênero,

¹⁰ SILVA, 1995.

¹¹ LOURO, 2014.

¹² SILVA, 1995.

sexuais, religiosas e vamos sendo produzidos e representados de acordo com os lugares que ocupamos na sociedade.

A sociedade em que vivemos privilegia a cultura hegemônica, do homem branco, europeu, masculino e heterossexual, em detrimento de outras culturas, tentando padronizar todas/os como possuidoras/es de uma identidade fixa e imutável. Porém, as identidades são móveis e são várias. Em uma só pessoa, existem diferentes identidades. Somos singulares, mas não somos únicos, somos vários, “somos diferentemente posicionados, em diferentes momentos e em diferentes lugares, de acordo com os diferentes papéis sociais que estamos exercendo”¹³; de acordo com o contexto, envolvemo-nos e negociamos com diferentes significados sociais. Ao mesmo tempo, somos mulher/homem, mãe/pai, filha/o, namorada/o, amiga/o, professora/r, aluna/o conforme o ambiente frequentado e o lugar social ocupado.

A escola produz identidades, diferenças e desigualdades de acordo com a sua concepção, organização e no fazer cotidiano escolar.

Encontra-se em jogo, inevitavelmente, o tipo de sujeito que cada sociedade quer formar, as estratégias que o educam, assim como quais saberes uma sociedade seleciona como importantes para serem perpetuados em sua formação. A educação envolve o processo de transmissão de valores que uma sociedade (ou determinados grupos sociais) elege como seus, que organizam, dão sentido e legitimidade a certos saberes em detrimento de outros, visando a produzir sujeitos que acolham esses mesmos saberes e os coloquem em prática, para viver em sociedade [...]¹⁴

É preciso discutir sobre essa produção de identidades, diferenças e desigualdades, é preciso atentar para os movimentos e as lutas sociais. As perspectivas teóricas que utilizamos para embasar esse trabalho e os nossos estudos, como por exemplo, os Estudos Culturais e os Estudos Feministas, têm muito a contribuir para a construção de uma escola mais democrática, que acredita e luta por uma sociedade mais equânime, com mais igualdade de oportunidades a todas/os.

[...] Gestos, movimentos, sentidos são produzidos no espaço escolar *incorporado* por meninos e meninas, tornam-se parte de seus corpos. Ali se aprende a olhar e a se olhar, se aprende a ouvir, a falar e a calar; se aprende a *preferir*. Todos os sentidos são treinados fazendo com que cada um e cada uma conheça os sons, os

¹³ WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 4 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2005, p. 30.

¹⁴ COSTA, Marisa V.; CAMOZZATO, Viviane C. Vontade de pedagogia – pluralização das pedagogias e condução de sujeitos. In: *Cadernos de Educação*, p. 22-44. Pelotas: FaE/PPGE/UFPel, jan./abr. 2013, p. 27.

cheiros e os sabores 'bons' e decentes e rejeite os indecentes, aprenda o que, a quem e como tocar (ou, na maior parte das vezes, não tocar) fazendo com que tenha algumas *habilidades* e não outras [...]¹⁵

Os corpos são onde ficam marcadas todas as experiências positivas e negativas a que somos submetidos, mas precisamos enxergá-los porque em muitos momentos os corpos estão gritando e na escola não os escutamos.

Discentes, docentes estão imbricadas/os na construção de sentidos, na produção de significados dentro dessa cultura hegemônica que marginaliza e silencia outras culturas, mas, é importante evidenciar que, dentro dessa situação, existem disputas. Dentro das práticas escolares e do próprio currículo oficial não se percebe somente a reprodução e a transmissão dos conteúdos, há processos de resistências como forma de demarcarem seus lugares – podem ser poucos, às vezes podem nem mesmo ser percebidos, mas acontecem e produzem efeitos.

A construção de sentidos sobre a identidade de gênero acontece muito através dessas resistências citadas acima em se tratando das estudantes, dos estudantes e das/dos próprias/os professoras e professores. Aquilo que em alguns momentos chamam de agressividade, por exemplo, são formas de resistência, de burlar o sistema, de dizer que não estão contentes. Mesmo que essas questões de resistências sejam vistas, na maioria das vezes de forma equivocada, elas estão presentes e também produzem sentidos/significados.

A identidade de gênero, assim como todas as outras, é construída em meio a relações de poder e como disse Foucault¹⁶, “não há poder sem resistência”. A resistência aparece de variadas formas no espaço escolar, inclusive e infelizmente, pela reprovação.

A repetência e a evasão podem não ter uma relação direta, necessariamente, com a questão da resistência de forma consciente, mas com a construção de identidades acreditamos que sim. Estudantes são reprovadas/os por não atingirem as metas escolares e muitas/os permanecem vários anos repetindo a mesma série até deixarem de ir à escola. Outras vezes, antes mesmo de repetirem o ano, saem da escola e esse fato se dá porque se sentem rejeitadas/os em função do sistema educacional discriminatório¹⁷.

¹⁵ LOURO, 2014, p. 65.

¹⁶ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 25 ed. Organização de Roberto Machado. São Paulo: Graal, 2012, p. 244.

¹⁷ BARCELLOS, Cátia Simone R. *A construção da identidade de estudantes afro-brasileiros/as e suas experiências acadêmico-universitárias em cursos de licenciatura da UFPEl*. [Dissertação de Mestrado]. Pelotas: PPGE/FaE/UFPEl, 2006.

Louro em seu livro intitulado “Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista” salienta que devemos nos perguntar se:

[...] é ‘natural’ que meninos e meninas se separem na escola, para os trabalhos de grupo e para as filas? É preciso aceitar que naturalmente a escolha dos brinquedos seja diferenciada segundo o sexo? Como explicar, então, que muitas vezes eles e elas se ‘misturem’ para brincar ou trabalhar? É de esperar que o desempenho nas diferentes disciplinas revelem as diferenças de interesse e aptidão ‘características’ de cada gênero? Sendo assim, teríamos que avaliar esses alunos e essas alunas através de critérios diferentes? Como professoras de séries iniciais, precisamos aceitar que os meninos são ‘naturalmente’ mais agitados e curiosos do que as meninas? [...] e quando encontramos meninos que se dediquem as atividades mais tranquilas e meninas que preferem jogos mais agressivos, devemos nos ‘preocupar’, pois isso é indicador de que esses/as alunos/as estão apresentando ‘desvios’ de comportamento?¹⁸

Acrescentaríamos ainda o questionamento: o que são desvios de comportamento? Porque pensando assim, estamos trabalhando na lógica do patriarcado, do machismo e do sexismo, na qual se acredita que existam certos comportamentos de meninas e de meninos, coisas que as mulheres fazem e coisas para homens, como exemplos. É preciso ter muita atenção e muito cuidado para o modo como ensinamos e para o jeito como falamos! Preconceitos e estereótipos, também fazem parte do ser professora/r!

Considerações Finais

A escola pode ser usada, com o intuito de melhorar a autoestima de alunas e alunos contando outra visão da história, de forma a valorizá-las/los, independentemente de sua classe social, condição étnica ou orientação sexual.

Nesse sentido, esse trabalho nos levou a pensar sobre a construção de uma escola mais humana que trabalhe mais com os sonhos, os desejos e menos com as frustrações.

Existem outras questões que consideramos importantes baseadas/o em Meyer¹⁹ que são se chegamos a considerar como o gênero e a raça atravessam a escola? Os meninos e as meninas de classes sociais e lugares desprivilegiadas/os abandonam a escola ou são abandonadas/os por ela? “Que mecanismos e estratégias – provavelmente não intencionais e naturalizados – são acionados nesses processos que acabam por se configurar como dificuldades de aprendizagem e abandono escolar”? “Bom aluno” e “boa aluna” são

¹⁸ LOURO, 2014, p. 67.

¹⁹ MEYER, Dagmar E. Gênero e Educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 2 ed., p. 9-27. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 21.

entendidos do mesmo modo? Como se dá a avaliação escolar para meninos e meninas? E, por fim, quais são as representações de masculinidade e feminilidade que orientam o currículo, as práticas pedagógicas, as formas de organização do espaço escolar e as representações engendradas nos diferentes grupos dentro do sistema público de ensino?

Nas práticas escolares, precisamos valorizar as diferenças, formar sujeitos críticos, engajados na luta por uma sociedade mais justa, trabalhar na humanização das relações, construir trajetórias com mais sucessos, dar sentidos e representar de forma positiva todos os tipos de identidades que se fizerem presentes, desconstruindo os preconceitos e os estereótipos através de oportunidades iguais para todos. Precisamos entender e respeitar a diversidade da nossa sociedade desde a sua formação, para que haja o fortalecimento das identidades de todos os povos e de todas as pessoas. Acreditamos que um bom começo para isso, como discorremos anteriormente, é reconhecer que somos racistas e preconceituosas/os porque assim começaremos a pensar em práticas de desnaturalização das desigualdades e de combate às atitudes discriminatórias.

A autora Alice Casimiro Lopes em seu texto intitulado “Por um currículo sem fundamentos”²⁰ discute que é preciso pensar em “outra forma de compreender para além do que já se encontra estabilizado. É como estar sempre se perguntando: mas não poderia ser de outro modo?”. Ela vai discutir que devemos desconfiar daquilo que já está posto no sentido de problematizar e provocar outras possibilidades de pensar, desestabilizar alguns discursos e estabilizar outros.

As escolas, cada vez mais, precisam trabalhar com a ideia de “Currículo, Desejo e Experiência”²¹, um currículo que pense o desejo como acontecimento, que pare de reproduzir, que produza mais, que seja um lugar privilegiado de contágio do desejo, que seja menos repetitivo e mais sedutor, que privilegie o movimento, o gosto, a vida. Todas/os as/os estudantes têm muito a contribuir com as suas vivências sociais, culturais, sexuais, religiosas, políticas, basta que estejamos atentas/os e que criemos oportunidades para se manifestarem.

²⁰ LOPES, Alice C. Por um currículo sem fundamentos. In: *Linhas Críticas*, Brasília, vol. 21, no. 45, p. 445-466, mai./ago. 2015, p. 450.

²¹ PARAÍSO, Marlycy A. Currículo, Desejo e Experiência. In: *Educação & Realidade*, vol. 34, no. 2, p. 277-293, mai./ago. 2009.

Referências

ARROYO, M. *Ofício de Mestre: imagens e autoimagens*. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

BARCELLOS, Cátia Simone R. *A construção da identidade de estudantes afro-brasileiros/as e suas experiências acadêmico-universitárias em cursos de licenciatura da UFPel*. [Dissertação de Mestrado]. Pelotas: PPGE/FaE/UFPel, 2006.

CALDEIRA, Anna Maria S. A formação de professores de Educação Física: quais saberes e quais habilidades. In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Vol. 22, no. 03, mai./2001.

COSTA, Marisa V.; CAMOZZATO, Viviane C. Vontade de pedagogia – pluralização das pedagogias e condução de sujeitos. In: *Cadernos de Educação*, p. 22-44. Pelotas: FaE/PPGE/UFPel, jan./abr. 2013.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 25 ed. Organização de Roberto Machado. São Paulo: Graal, 2012.

GADOTTI, M. *Perspectivas atuais da educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Thomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

LOPES, Alice C. Por um currículo sem fundamentos. In: *Linhas Críticas*, Brasília, vol. 21, no. 45, p. 445-466, mai./ago. 2015.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 16 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

MEYER, Dagmar E. Gênero e Educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 2 ed., p. 9-27. Petrópolis: Vozes, 2003.

PARAÍSO, Marlucy A. Currículo, Desejo e Experiência. In: *Educação & Realidade*, vol. 34, no. 2, p. 277-293, mai./ago. 2009.

SILVA, Tomaz T. Currículo e Identidade Social: Territórios Contestados. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 4 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.